

RECONSTRUIR A VIDA DESFEITA E DESINTEGRADA PELA VIOLÊNCIA

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

A NOITE ESCURA

1. O Desafio que hoje enfrentamos
2. A desintegração da sociedade na época do cativoiro
3. Os discípulos e as discípulas do profeta Isaías

UMA NOVA CRIAÇÃO: A RECONSTRUÇÃO DA CONVIVÊNCIA HUMANA

1. As imagens usadas para expressar a nova Experiência de Deus e da Vida
2. A experiência do cativoiro que está por trás das imagens
3. Olhando o mundo com um olhar diferente
 - a) *Uma nova leitura do Passado*
 - b) *Uma nova leitura da Ação Criadora*
 - c) *Uma nova leitura dos Valores da Vida*
 - d) *Uma nova leitura da Situação Presente*
4. Um novo jeito de conviver e de trabalhar com o povo
 - a) *Acolher o povo com muita ternura*
 - b) *Ensinar dialogando em pé de igualdade*
 - c) *Desfazer o peso da opressão*
 - d) *Encher o vazio do coração*
 - e) *Apontar a Boa Nova de Deus na vida do povo*
 - f) *Os traços do Rosto de Deus*
5. Uma nova compreensão da própria Missão como Povo de Deus

CONCLUSÃO

INTRODUÇÃO

No Capítulo Geral de 2001 ficou decidido que nossa Ordem participe como membro efetivo da ONG da Família Carmelitana junto às Nações Unidas. Em vista disso, assumimos o compromisso de partilhar e de comunicar entre nós as grandes preocupações da humanidade que a ONU, cada ano, assume, divulga e promove.

No decorrer do ano 2002, quando participamos pela primeira vez da Assembléia das ONGs ligadas às Nações Unidas (mais de 2800), a preocupação da ONU era “Como contribuir para a reconstrução de sociedades ou comunidades desintegradas por graves conflitos”. Como este, cada ano, há outros assuntos e preocupações que a ONU procura assumir e promover: água, florestas, montanhas, saúde, cultura, paz, moradia, etc.

Para nós Carmelitas, fazer ouvir nossa voz no areópago das Nações Unidas é uma forma nova e oportuna de participarmos, como Família, com “as alegrias, as esperanças e os sofrimentos da Humanidade”, e de contribuirmos para encarnar, dentro da realidade do mundo de hoje, a Boa Nova de Deus que Jesus nos trouxe. Porém, sendo Carmelitas, devemos dar nossa contribuição iluminando as preocupações da ONU através do filtro da espiritualidade carmelitana.

Um dos aspectos que mais nos caracteriza como Carmelitas é a *Lectio Divina*, a Leitura Orante da Vida à luz da Palavra de Deus. É um dos pontos em que nossa Regra mais insiste.¹ Assim, neste artigo, procuraremos ver como, no passado do Povo da Bíblia, a meditação da Palavra de Deus contribuiu eficazmente para a reconstrução de uma sociedade desintegrada por graves conflitos. Isto aconteceu na época do exílio, nos séculos VI e V antes de Cristo. Será como olhar num espelho que nos reflete nossa própria história e os desafios que hoje enfrentamos.

A NOITE ESCURA

1. O Desafio que hoje enfrentamos

Hoje, a miséria crescente do povo, a injustiça impune, o sofrimento dos que nunca cometeram nenhum mal, o abandono, o desemprego, a exploração, a desigualdade social, a exclusão, a doença, a solidão, o desamor, a violência que aumenta cada vez mais, a poluição ambiental que ameaça a sobrevivência, o terrorismo que desintegra a convivência humana, ...! Tudo isso provoca em nós um forte questionamento: “O que fazer? Parece um túnel escuro. Tem saída? Como salvar a vida humana? Como encontrar Deus no meio de tudo isso?”

Alguns dizem: “Paciência! Essas coisas acontecem. Quem somos nós para mudar o rumo da história? O que podemos fazer? Nada! Não

¹ Veja Coleção “Horizontes” numero 10: *Sobre a Lectio Divina no Carmelo*.

temos poder”. Eles se acomodam. Vão à Missa, rezam, assistem à história humana pela TV, sabem tudo que se passa no mundo, mas não sabem como reagir. Sua fé perdeu a lucidez crítica e a força transformadora.

Outros dizem: “Há esperança! Existe luz no fim do túnel. Devemos continuar a lutar para mudar a situação!” Dizendo que existe luz no fim do túnel, eles acham que, dentro do túnel não existe luz. Lá dentro só existe escuridão. Eles só conhecem um único tipo de luz, aquela que conheceram antes de entrar no túnel. Avaliam a situação atual com os critérios do passado, de antes e de fora do túnel em que agora nos encontramos todos.

Outros ainda dizem: “Existe luz dentro do túnel! Temos que descobri-la! Temos que descobrir o povo que, há muito tempo, vive dentro do túnel, e aprender dele como lutar e sobreviver. Pois eles sabem como resistir sem desintegrar-se!”

Algo semelhante aconteceu ao povo de Deus na época do cativo, quando tudo foi destruído, por fora e por dentro! Todos os apoios da fé tinham sido quebrados. Foi a escuridão total para eles.

2. A desintegração da sociedade na época do cativo

Mês de agosto de 587 antes de Cristo. Fazia poucas semanas que Jerusalém havia sido tomada pelo exército da Babilônia. O Rei Sedecias, fugitivo, tinha sido capturado perto do Jordão e conduzido à presença do rei da Babilônia em Ribla. Este, depois de o ter obrigado a assistir ao brutal assassinato da esposa e dos filhos, furou-lhe os olhos, algemou-o e conduziu-o para o cativo, onde morreu (*2Rs 25,3-7; Jer 39,4-7; 52,5-11*).

Em seguida, Nabucodonosor deu ordem ao seu general Nabuzardã para destruir a Cidade Santa (*2Rs 25,8-12; Jer 52,12-16*). Tudo que, até àquele dia, tinha sido sinal visível da presença de Deus, foi destruído.

O Templo, do qual Deus tinha dito que haveria de morar nele para sempre (*1Rs 9,3*), foi incendiado (*2Rs 25,9*). O Culto que tinha sido instituído como sinal perpétuo, estava interrompido (*Lam 2,6-7*). Os Sacerdotes foram massacrados (*Jer 52,24-27*) ou levados para o cativo (*Sl 79,1-3; Lam 4,16*). A Monarquia, da qual Deus tinha dito que sempre haveria um descendente de Davi no trono (*2Sam 7,16*), já não existia mais (*2Rs 25,7*).

Sião, a cidade de Davi, que Deus desejou para ser sua residência para sempre (*Sl 132,13-14*), estava destruída (*Lam 1,6; 2,1-10*). A Terra,

cuja posse tinha sido garantida para sempre (*Gen* 13,15), passou a ser a propriedade dos inimigos, que a distribuíram aos pobres (*2Rs* 25,12; *Jer* 39,10; 52,16). O povo de Deus perdeu a posse e foi para o exílio na Babilônia, o antigo Ur dos Caldeus (*Jer* 52,28-30). Estava de volta no mesmo país, de onde, em 1800 antes de Cristo, Abraão tinha saído para seguir o chamado de Deus (*Gen* 11,31). A história foi terminar, tragicamente, no mesmo lugar, onde 1300 anos antes, havia começado. A reação imediata era esta: “Deus nos abandonou!” (*Is* 40,27; *Jer* 33,23-24; *Is* 49,14). “Já não há mais profetas. Já não vemos nossos sinais” (*Sl* 74,9). Antigamente, no tempo de Moisés e de Samuel, Deus falava (*Sl* 99,6-8). Será que ele parou de falar? (*Sl* 77,9) Silêncio de Deus!

Deus, porém, continuava presente no meio do povo com o mesmo amor de sempre (*Is* 49,15), não só no povo exilado e no horrível cativo da Babilônia, mas também no mundo ao redor, onde estavam ocorrendo mudanças profundas com a chegada de Ciro, o rei da Pérsia (*Is* 41,2-5.25; 44,28; 45,1-7). Mas o povo perdeu os olhos para poder perceber a presença libertadora de Deus (*Is* 42,18-20; 43,8).

A grande pergunta que ficou para todos era esta: “Como entender ou interpretar esta tragédia terrível? O que fazer agora?” (*Sl* 44,18-25; *Sl* 77,6-10; 89,39-47). Três respostas foram dadas, misturadas entre si. Alguns eram de opinião de que era melhor saltar fora do barco antes que afundasse inteiramente. Eles se acomodaram no exílio e adaptaram-se na nova situação. Outros achavam que deviam reagir e lutar. Queriam voltar para a terra, vingar o mal que lhes tinha sido feito, reconstruir o templo e restaurar tudo como era antes, no passado. Outros ainda achavam que a solução não era voltar ao passado nem acomodar-se no presente, mas sim aprender a ler com outros olhos a nova situação em que se encontravam. Eles se perguntavam: “O que será que Deus nos quer ensinar por meio destes fatos tão trágicos em que nos encontramos agora? Qual o apelo de Deus para nós?” Foram estes últimos que mais ajudaram na reconstrução da sociedade desintegrada. Destes últimos fazia parte o grupo dos discípulos e das discípulas do profeta Isaías.

3. Os discípulos e as discípulas do profeta Isaías

No meio daquele povo machucado e desintegrado do cativo viviam os discípulos de Isaías, um grupo anônimo de rapazes e moças, homens e mulheres. Junto com o resto do povo, foram levados para o cativo. Sofreram por dentro a crise profunda da fé, a noite escura do povo, provocada por aqueles acontecimentos trágicos. Mas eles,

mesmo sem os apoios tradicionais da fé, não desistiram de crer. A crise, em vez de levá-los à perda da fé ou a uma restauração do passado, foi para eles uma ocasião de purificação e de renascimento. O desafio deles era este, o mesmo de hoje: 1) redescobrir e experimentar, de novo, a presença viva de Deus na história e na vida do povo; 2) verbalizá-la e transformá-la em Boa Nova para os pobres; 3) encarná-la e expressá-la em novas formas de convivência para o povo poder perceber todo o seu alcance para a vida.

De fato, esses discípulos anônimos de Isaías re-descobriram a novidade antiga da presença escondida de Deus, souberam transformá-la em Boa Nova para os pobres e conseguiram encarná-la em novas formas de vida (*Is* 40,9-11; 52,7-10; 57,14-18; 61,1). Eles sofreram na própria carne a crise do povo e buscaram uma saída. Encontrando uma saída para si mesmos, tornaram-se capazes de ajudar o povo a descobrir o sentido dos acontecimentos e os sinais da presença de Deus. Eles estão na origem de uma das experiências mais bonitas da história do povo de Deus. Foi nos escritos deles que Jesus se inspirou para realizar a sua missão como Messias (*Lc* 4,18). É deles que vamos falar neste artigo.

UMA NOVA CRIAÇÃO A RECONSTRUÇÃO DA CONVIVÊNCIA HUMANA

O período do cativeiro foi um período de profunda revisão: Por que nos aconteceu toda esta desgraça? Onde foi que erramos para receber um castigo tão grande? O que fazer para poder reencontrar novamente o caminho e reconstruir a vida desfeita e desintegrada? Os discípulos e as discípulas de Isaías participaram ativamente neste renascer do povo. A experiência deles, refletida nos capítulos 40 a 66 do livro de Isaías, foi a que mais ajudou o povo do cativeiro a se recompor e se reencontrar. Vamos apontar alguns aspectos ou passos desta reconstrução da vida do povo.

1. As imagens usadas para expressar a nova Experiência de Deus

Na raiz de tudo está uma nova experiência de Deus. O que mais chama a atenção nas imagens usadas nos capítulos 40 a 66 do livro de Isaías para verbalizar o novo relacionamento com Deus é a dimensão pessoal e familiar. Eis alguns textos:

Deus é experimentado como Pai.

Dirigindo-se a Deus, eles diziam: “Tu és o nosso Pai! Ainda que Abraão não nos conhecesse e Israel não tomasse conhecimento de nós, tu, Javé, és nosso Pai, nosso redentor. Tal é o teu nome desde a antiguidade!” (*Is* 63,16). “Tu, Javé, és nosso Pai. Nós somos a argila e tu és o nosso oleiro, todos nós somos obras das tuas mãos” (*Is* 64,7).

Apresentam Deus como Mãe. Dirigindo-se ao povo, Deus diz: “Vós, a quem carreguei desde o seio materno, a quem levei desde o berço” (*Is* 46,3). “Por acaso uma mulher se esquecerá da sua criancinha de peito? Não se compadecerá ela do filho do seu ventre? Ainda que as mulheres se esquecessem, eu não me esqueceria de ti! Eis que te gravei na palma da minha mão” (*Is* 49,15-16^a). “Sereis amamentados, sereis carregados sobre as ancas e acariciados sobre os joelhos. Como a uma pessoa que a sua mãe consola, assim eu vos consolarei!” (*Is* 66,12-13).

Deus é apresentado como o Marido do povo: “Hás de esquecer a condição vergonhosa da tua mocidade, não tornarás a lembrar o opróbrio da tua viuvez, porque o teu esposo será o teu Criador, Javé dos exércitos é o seu nome” (*Is* 54,4-5). “Como um jovem desposa uma virgem, assim te desposará o teu edificador. Como a alegria do noivo pela sua noiva, tal será a alegria que o teu Deus sentirá em ti!” (*Is* 62,5).

Deus é o Go'êl, o Parente próximo, o Redentor que resgata o povo:

“Não temas, vermezinho de Jacó, e tu, bichinho de Israel. Eu mesmo te ajudarei, oráculo de Javé; o teu Redentor é o Santo de Israel!” (*Is* 41,14)
 “Mas agora, diz Javé, aquele que te criou, ó Jacó, aquele que te modelou, ó Israel: não temas, porque eu te resgatei. Chamei-te pelo nome. Tu és meu!” (*Is* 43,1)

Conforme um costume tribal muito antigo, o Go'êl, o parente próximo ou redentor, devia intervir com a sua ajuda e o seu dinheiro para impedir que uma pessoa do seu clã perdesse sua terra ou que seus filhos fossem escravizados (*Lv* 25,8-55; *Dt* 15,1-18). Na época do cativeiro da Babilônia, porém, já não havia Go'êl ou redentor que pudesse resgatar seus parentes da escravidão ou recuperar para eles a posse da terra. Pois estavam todos no cativeiro, inclusive o Go'êl! E sem Go'êl, sem Redentor, já não haveria resgate possível para o povo! Não haveria futuro! Os seguidores de Isaías, porém, respondiam: “Temos Go'êl, sim! É Javé! Ele mesmo é o nosso Redentor!”. De fato, o título Go'êl, Redentor, aplicado a Javé, é muito frequente em Isaías 40 a 66 (*Is* 41,14; 43,14; 44,6.24; 47,4; 48,17; 49,7.26; 54,5.8; 60,16; 63,16; cf

resgatar ou resgate: *Is* 43,1.3; 44,23; 48,20).

Esta palavra *Go'el* tem um significado tão denso que não há correspondente exato na nossa língua. Usamos palavras diferentes para traduzir o seu significado: redentor, defensor, libertador, salvador, consolador, advogado, paráclito, parente próximo, primogênito, irmão mais velho. A melhor tradução talvez seja Padrinho. Pois, até hoje, entre os pobres, o padrinho é aquele que, na hora das dificuldades, ajuda os afilhados a resolver seus problemas. Por meio de um bom padrinho, a família se alarga e cria condições de ajuda mútua. A família vira clã!

Para expressar e comunicar a nova experiência de Deus e o novo sentido que encontraram para sua vida, não usaram as imagens religiosas tradicionais, mas sim as imagens tiradas da vida familiar de cada dia. Como explicar esta nova maneira de falar sobre Deus?

2. A experiência do cativo que está por trás das imagens

Como tantos exilados e migrantes de hoje, os exilados judeus viviam desenraizados e perdidos na imensidão do império persa. O único espaço de uma certa autonomia e liberdade que ainda sobrava para eles no cativeiro era o espaço familiar: o pai, a mãe, o marido, a esposa, os filhos, o mundo pequeno da família, a “casa”. Todo o resto que antes fazia parte da vida já não existia: a organização mais ampla do clã, a vida no povoado, a posse da terra, o templo, as peregrinações, o culto, o sacrifício, o sacerdócio. Nada disse sobrou. Hoje dizemos: “Só sobrou o corpo!”

Ora, foi exatamente neste espaço reduzido da pequena família, da “casa” ou do “corpo”, que eles reencontraram a presença de Deus. O Deus que, antes, estava ligado ao Templo, ao sacerdócio, ao culto oficial, à Monarquia, agora está perto deles, “em casa”; casa pequena, quebrada e, humanamente falando, sem futuro, mas casa, e não Templo. Ora, usando as imagens da vida familiar e não as da religião tradicional, eles, por assim dizer, secularizaram a imagem de Deus e sacralizaram a vida como o espaço do reencontro com Deus. “Realmente, tu és um Deus que se esconde, Deus de Israel, Deus salvador!” (*Is* 45,15). Ele agora se esconde onde antes ninguém o procurava: em casa, no relacionamento diário familiar, no meio do povo exilado e excluído! Como outrora no Êxodo, Deus “desceu” novamente do alto para estar junto do povo oprimido e exilado: “Eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvei o seu clamor contra os opressores. Conheço os seus sofrimentos. Por isso, desci para libertá-lo do poder dos

egípcios” (*Ex* 3,8). Deus desceu de novo, desta vez para dentro da “casa” do povo!

Foi a partir deste mundo pequeno e limitado da “casa”, sem prestígio e sem poder, que tudo renasceu e continua renascendo, até hoje. Os cacos e pedaços da vida familiar, que sobraram para eles no cativeiro, foram a porta por onde a semente do novo pôde entrar para dentro da vida do povo, criar raízes e crescer de novo. Com este olhar renovado, recebido do reencontro com Deus, foram relendo tudo: a política, a natureza, a história, a criação inteira, o passado e o presente, tudo! Como uma pedra que cai num lago e vai fazendo círculos até atingir todo o lago, assim a nova experiência de Deus foi crescendo até alcançar e reintegrar todos os aspectos da vida desintegrada do povo exilado.

3. Olhando o mundo com um olhar diferente

O Deus que se fez presente na vida deles era o mesmo Deus de sempre, Javé, o Deus dos pais que esteve com eles no passado. A nova experiência de Deus deu olhos novos para entender de maneira nova o sentido de tudo que este Deus tinha realizado no passado.

a) *Uma nova leitura do Passado*

Eles relembram e contam as histórias do seu passado, não para aumentar a saudade, mas para transformar a saudade em esperança. Eis algumas delas:

- A aliança de Deus com Noé em defesa da vida. A promessa feita a Noé de nunca mais destruir a vida pelo dilúvio era garantia para o povo do cativeiro saber que nunca mais haveria outro cativeiro: “Em um momento de cólera escondi de ti o meu rosto, mas logo me compadeci de ti, levado por um amor eterno, diz Javé, teu Redentor. Como nos dias de Noé, quando jurei que as águas do dilúvio nunca mais inundariam a terra, do mesmo modo juro agora que nunca mais me encolerizarei contra ti” (*Is* 54,8-9).
- O chamado de Abraão e Sara. Comparada com a situação deles mesmos no cativeiro da Babilônia, a história de Abraão e Sara se transforma em fonte de coragem e de esperança: “Ouvi-me, vós que estais à procura da justiça, vós que buscais a Deu! Olhai para a rocha da qual fostes talhados e para a

pedreira de onde fostes extraídos! Olhai para Abraão, vosso pai, e para Sara, vossa mãe! Quando os chamei, eles eram um só, mas eu os abençoei e eles se multiplicaram!” (Is 51,1-2). Deus chama o povo exilado de “descendente do meu amigo Abraão” (Is 41,8), ou simplesmente de Jacó ou de Israel (Is 43,1.22; 44,1.21), o nome do patriarca que está na origem das doze tribos.

- O Êxodo que tirou o povo do Egito. O Êxodo é lembrado de muitas maneiras. Como no primeiro êxodo, assim agora Deus vai tirar água da rocha para matar a sede do seu povo no deserto do cativo: “Os pobres e os indigentes buscam água, mas não a encontram; estão com a língua seca de sede. Eu mesmo, Javé, responderei a eles; eu, o Deus de Israel, não os abandonarei. Pois eu vou rasgar córregos em colinas secas, abrir fontes por entre os vales; transformarei o deserto em lago e a terra seca em nascentes de água!” (Is 41,17-18). Deus manda o povo lembrar a travessia do Mar Vermelho para se convencer de que Ele vai fazer uma coisa muito maior, que já estava começando: “Assim diz Javé, aquele que abriu um caminho no mar, uma passagem entre as ondas violentas, aquele que fez sair o carro e o cavalo, o exército e força. Eles caíram para não mais se levantar, apagaram-se como pavio que se extingue. Não fiquem lembrando o passado, não pensem nas coisas antigas. Vejam estou fazendo uma coisa nova: ela está brotando agora, e vocês não a percebem? Abrirei um caminho no deserto, rios em lugar seco” (Is 43,16-19). Como estas há várias outras evocações e lembranças do Êxodo nesses capítulos 40 a 66 de Isaías:

- o fim da escravidão (Is 40,2);
- o caminho pelo deserto (Is 40,3);
- o cântico novo à beira do Mar Vermelho (Is 42,10);
- a travessia pela água (Is 43,2);
- a água que brota do chão seco (Is 44,3);
- a efusão do Espírito (Núm 11,17.25; Is 44,3); etc.

Por meio deste novo jeito de citar e reler o passado, os discípulos e as discípulas comunicavam ao povo exilado a seguinte mensagem: “Deus não nos abandonou. A história não terminou. Pelo contrário! A caminhada continua! Estamos envolvidos num novo Êxodo, muito maior e mais bonito que o primeiro!”

b) *Uma nova leitura da Ação Criadora:*

De todos os livros da Bíblia, os capítulos 40 a 66 do livro de Isaías são os que mais usam a palavra criar, *bará*, mais de vinte vezes! Isto revela uma nova compreensão da ação criadora de Deus. O verbo *BARÁ* (criar) indica uma ação poderosa, que não depende de condições prévias, nem pode ser impedida ou frustrada por qualquer outra força deste mundo, mas age a partir do poder do próprio Deus. O verbo é usado não só para indicar a criação do universo, mas também para indicar a qualidade da ação com que Deus acompanha e cuida do seu povo. Deus cria o universo e a terra; cria também o povo e o Êxodo (*Is* 43,15). Tudo é fruto da ação criadora. Neste contexto, os sinônimos “fazer” e “construir” têm o mesmo significado.

Deus é o Criador do mundo e do povo: “Eu, eu mesmo sou aquele que te consola; quem te julgas tu para teres medo do homem que há de morrer; do filho do homem, cujo destino é o da erva? E te esqueces de Javé que te criou, aquele que estendeu os céus e fundou a terra? Tens vivido apavorado o tempo todo diante da cólera do opressor, enquanto ele estava armado para destruir-te; mas onde está agora a cólera do opressor?” (*Is* 51,12-13).

Deus, o Primeiro e o Último (*Is* 44,6; 41,4; 48,12), não quer o caos. O caos não é só nem em *primeiro lugar a situação anterior à criação, de que fala a narração do livro de Gênesis (Gn 1,2)*. O caos era a situação do povo no cativeiro de aparente ausência de Deus (cf *Lam* 3,2-16). Pelo poder da Palavra de Deus este caos pode ser vencido: “Assim diz Javé, o Criador dos céus. Ele é Deus, o que modelou a terra e a fez, ele a estabeleceu: não a criou como um deserto, antes, modelou-a para ser habitada. Eu sou Javé, e não há nenhum outro. Não falei em segredo em um canto obscuro da terra. Eu não disse à descendência de Jacó: ‘Procurai-me no caos!’ Eu sou Javé que proclamo a justiça e revelo o que é reto!” (*Is* 45,18-19).

Deus enfrenta o caos e o vence com o poder criador da sua Palavra (*Is* 40,8). Ele é mais forte que o poder opressor que esmaga o povo (*Is* 40,12-18). Ele liberta, salva e conduz o povo com o seu poder criador (*Is* 40,25-31).

c) *Uma nova leitura dos Valores da Vida*

A partir da nova experiência deste Deus, eles relêem os valores da vida que no passado tinham orientado o povo. Nesta releitura, eles mantêm as mesmas palavras, mas dão a elas um novo sentido e as colocam numa nova perspectiva.

Eis alguns valores centrais da tradição, relidos e reinterpretados

pelos discípulos de Isaías numa perspectiva de abertura universalista:

- O povo de Deus já não é um povo fechado dentro de uma raça, pois agora também os estrangeiros fazem parte (*Is* 56,3.6-7).
- O templo já não será só para os judeus, mas será casa de oração para todos os povos (*Is* 56,7).
- O culto é universal, pois os estrangeiros dele participam (*Is* 56,6-7).
- O sacerdócio já não é só de Levi ou de Sadoc, mas também alguns estrangeiros do Egito receberão o mesmo sacerdócio (*Is* 66,20-21).
- O reino já não é a monarquia de Davi, mas sim o Reino Universal do próprio Deus (*Is* 52,7; 43,15).
- O messias, o “ungido”, o “pastor”, já não é só o rei davídico, mas também Ciro, o Rei dos persas (*Is* 45,1; 44,28).
- A eleição já não é um privilégio, mas sim um serviço a ser prestado a toda a humanidade (*Is* 42,1-4).
- A missão já não é o povo ser um grupo separado, distinto dos outros, mas sim ser “Luz das Nações” (*Is* 42,6; 49,6).
- A lei de Deus já não é só para Israel, mas será procurada e observada por todos os povos que nela encontram uma luz (*Is* 2,1-5).
- Jerusalém já não é capital de Judá, mas sim o centro de peregrinação para todos os povos (*Is* 60,1-7).

Nestes textos transparecem a coragem e a abertura que eles tiveram para repensar tudo. Souberam ser criativos. Ultrapassaram as fronteiras das formas tradicionais e, fiéis à verdadeira Tradição, sonharam com um mundo novo: “As coisas antigas já se realizaram, agora vos anuncio estas coisas novas” (*Is* 42,9). Queriam tudo novo: “novo céu e nova terra” (*Is* 65,17), novo Êxodo (*Is* 41,18-20; 43,16-20), nova e eterna Aliança (*Is* 54,10; 55,3; 61,8), novo povo (*Is* 43,21), novo coração e novo espírito (*Is* 32,15; *Jr* 24, 7; 31,33; 32,39; *Ez* 36,27).

Fidelidade criativa é a característica desta re-leitura do passado! A nova experiência de Deus, de um lado, ajudou a perceber os erros e enganos, dentro dos quais a imagem de Deus tinha sido aprisionada pela ideologia dominante do tempo dos reis, e, de outro lado, foi fonte de luz e de criatividade para reler e repensar, um por um, todos os valores do passado, libertá-los dos erros e das limitações, adaptá-los à nova situação. Assim, os novos acontecimentos e as novas experiências podiam ser acolhidas como fiéis ao passado, sem o risco de serem condenadas pelos conservadores como estranhas e heréticas.

d) *Uma nova leitura da Situação Presente*

A nova experiência de Deus e a nova leitura do passado abriram os olhos dos discípulos e os ajudaram a ler a situação presente do povo com realismo e senso crítico, e descobrir nela os apelos de Deus.

A situação em que o povo se encontrava era esta: Jerusalém estava destruída, suas muralhas, desmanteladas, sem porta (*Ne* 1,3). Cidade aberta, sem possibilidade de defesa. Eles estavam sem poder político, sem independência, sem exército, sem rei, incapazes de mudar a situação. Outras pessoas estavam ocupando parte da terra, pois Nebuzardã, o novo comandante, tinha distribuído a terra aos pobres (*Jr* 39,10). Gente de fora, de Samaria, vinha adorar a Deus no lugar onde estavam as ruínas do Templo (*Jer* 41,4-5). Querendo ou não, eles eram obrigados pelas circunstâncias a conviver com os outros povos. Não havia alternativa viável para poder sobreviver. Esta era a realidade: uma situação de diáspora. O que fazer: ignorá-la, combatê-la ou assumi-la?

Vista com os olhos antigos do tempo dos reis, esta situação era um fracasso inaceitável. Os discípulos e as discípulas, porém, viam nela o início de uma nova etapa. Em vez de lamentar o passado que perderam, saudaram o futuro que acabava de nascer com muita dor. Não fizeram nenhum esforço para reeditar a monarquia como queria Zorobabel e alguns profetas (*Ag* 1,1-15), mas despertaram para sua nova missão como povo de Deus. O vento sacode a flor, espalha a semente por todo canto e prepara, assim, uma nova floração em lugares onde antes não havia flor. Do mesmo modo, os fatos violentos do exílio sacudiram o povo, espalharam-no como semente pelo mundo e o prepararam para uma nova missão: ser “Luz das Nações”, ser “Servo de Deus” para todos os povos (*Is* 42,1.4.6; 49,6), fonte de bênção para todas as famílias da terra (*Gn* 12,3).

“Ele me disse: “Pouca coisa é que sejas o meu servo só para restaurares as tribos de Jacó e reconduzires os sobreviventes de Israel. Também te estabeleci como Luz das Nações, a fim de que a minha salvação chegue até às extremidades da terra” (*Is* 49,6).

O cativoiro, que, para uns, parecia ser um golpe de morte no povo, tornou-se para eles apelo de Deus e anúncio de esperança e de vida (*Is* 54,7-8). Descobriram a luz que havia dentro do túnel, mais clara que a luz do meio dia, diferente e muito mais brilhante que a luz do tempo dos reis. “Não estão vendo?” (*Is* 43,19).

4. Um novo jeito de conviver e de trabalhar com o povo

Estes três fatores: a nova experiência de Deus, a nova leitura do passado e a visão crítica do presente ajudaram os discípulos e discípulas de Isaías a criar um novo jeito de animar e acompanhar o povo do cativo. Eles se tornaram o anjo que despertou e animou o profeta Elias quando fugia desanimado para longe de tudo (1Rs 19,5-7).

Criaram um novo jeito de conviver e de reconstruir a convivência que, até hoje, transparece nas linhas e nas entrelinhas dos capítulos 40 a 66 do livro de Isaías. Vamos ver alguns aspectos desta nova prática.

a) *Acolher o povo com muita ternura*

Para quem vive machucado e triste, na solidão do cativo, não bastam as advertências e os preceitos, nem os argumentos da análise crítica da realidade, para que ele levante a cabeça, tenha esperança e comece a enxergar a situação com esperança renovada. É necessário, antes de tudo, cuidar das feridas do coração, acolhendo-o com muita ternura e bondade. As primeiras palavras: “Consolai! Consolai o meu povo!” (Is 40,1) ressoam pelas páginas do livro inteiro, do começo ao fim.

Os discípulos e as discípulas têm uma conversa atenciosa, cheia de ternura e consolo, de encorajamento e acolhimento. “Não gritam nem apagam a vela que ainda solta um pouco de fumaça” (Is 42,2-3). Ou seja, machucados, não machucam. Oprimidos pela situação em que se encontram, não oprimem, mas tratam e acolhem o povo com muito respeito. Tentam chamá-lo pelo próprio nome (Is 43,1). Usam uma linguagem simples, concreta e direta, numa atitude de ternura nunca vista antes, que funciona como bálsamo, e dispõe as pessoas para olhar a realidade com mais objetividade. Eis alguns exemplos:

- “Por um instante eu abandonei você, mas com imensa compaixão torno a reuni-la. Num ímpeto de ira, por um momento, eu escondi de você o meu rosto, agora, com amor eterno, volta a me compadecer de você” (Is 54,7-8).
- “Tu és o meu servo! Eu te escolhi, não te rejeitei. Não temas, porque eu estou contigo. Não fique apavorado, pois eu sou o teu Deus. Eu te fortaleço, sim, eu te ajudo, eu te sustento com a minha destra justiceira!” (Is 41,9-10).
- “Não temas! Sou eu que te ajudo! Não temas, vermezinho de Jacó, meu bichinho de Israel! Eu mesmo te ajudarei. Oráculo de Javé, teu redentor é o Santo de Israel!” (Is 41,13-14).

Como estas, há muitas outras expressões e imagens de ternura espalhadas pelos capítulos 40 a 66 de Isaías: Is 40,1-2^a; 43,1-5; 44,2;

46,3-4; 49,13-16; etc.

b) *Ensinar dialogando em pé de igualdade*

Além disso, nos capítulos 40 a 66, do começo ao fim, transparece uma atitude de escuta e de diálogo. Eles conversam, fazem perguntas, questionam, criticam, levam o povo a refletir sobre os fatos (cf *Is* 40,12-14.21.25-27; etc). Ensinam dialogando em pé de igualdade com o povo. Este jeito de ensinar é próprio de quem se considera discípulo e não dono da verdade (*Is* 50,4-5). “O Senhor me deu uma língua de discípulo para que eu soubesse trazer ao cansado uma palavra de conforto. De manhã em manhã ele me desperta, sim, desperta meu ouvido, para que eu ouça como os discípulos” (*Is* 50,4).

Um discípulo não absolutiza o seu próprio pensamento, nem impõe suas idéias autoritariamente, mas sabe ensinar escutando e aprendendo dos outros. Eis um exemplo de como faziam: “Por que dizes tu, Jacó, e por que afirmas tu, Israel: “O meu caminho está oculto a Javé; o meu direito passa despercebido a Deus?” Então não sabes? Por acaso não ouviste isto? Javé é um Deus eterno, criador das regiões mais remotas da terra. Ele não se cansa nem se fatiga, a sua inteligência é insondável” (*Is* 40,27-28).

Por este seu jeito de conviver e de tratar com o povo, os discípulos não só falam sobre Deus, mas também o revelam; comunicam algo daquilo que eles mesmos vivem. Deus se faz presente nesta atitude de ternura e de diálogo. O povo se dá conta de que o Deus dos discípulos é diferente do deus da Babilônia, diferente também da imagem de Deus que eles ainda carregavam na memória, desde os tempos da monarquia, de antes da destruição do Templo. Assim, aos poucos, os olhos se abrem. O povo começa a perceber algo do novo que estava acontecendo. “Não estão vendo?” (*Is* 43,19).

Até hoje, este primeiro passo é o mais difícil, o mais lento e o mais importante. Foi necessária muita paciência da parte dos discípulos, para que aquele povo exilado se reanimasse a crer novamente em si mesmo e em Deus e se levantasse (*Is* 49,4.14).

c) *Desfazer o peso da opressão*

De fato, o desânimo do povo exilado era muito grande. Eles eram como o profeta Elias que deitou debaixo da árvore querendo morrer (*1Rs* 19,4). Os fatos históricos confirmam este desânimo. O decreto de Ciro que permitia o retorno para a terra e a reconstrução do Templo (*Esd* 1,1-4) é de 538. Mas foram só poucos que, liderados por um tal de Sesbassar, voltaram de fato (*Esd* 1,8). Foi só em 520, que um

grupo maior, liderado por Zorobabel e Josué (*Esd* 3,1-6), decidiu voltar. Foram necessários 18 longos anos para eles se decidirem e começarem a caminhar! Até para cantar eles tinham perdido o gosto (*Sl* 137,1-6).

Este desânimo tinha duas causas, ligadas entre si como os dois braços de uma balança: uma externa que, de fora, pesava sobre eles, a saber: a destruição de Jerusalém, o exílio, a perda de todos os apoios; a outra interna que, por dentro esvaziava o coração: a falta de visão e de fé. Deus parecia ter perdido o controle da situação. Nabucodonosor parecia ser o dono da história. Desequilibrrou-se a balança da vida!

Confrontados com este desânimo, os discípulos de Isaías atacam as duas causas: desfazem o peso da opressão e enchem o vazio do coração. Para desfazer o peso da opressão eles usam o bom senso e fazem uma análise crítica da realidade. Desmascaram o poder que oprime e a ideologia dominante que engana. Tudo é analisado e criticado com ironia e precisão, e confrontado com a nova visão que a fé em Deus lhes comunica.

Eis alguns exemplos:

- os príncipes e os juízes: Deus reduz os príncipes a nada, e faz dos juízes da terra uma coisa vã (*Is* 40,23);
- os adivinhos e os sábios: Deus embaralha seus sinais e eles ficam bobos, faz delirar o espírito dos adivinhos e confunde os sábios (*Is* 44,25);
- os governantes: Deus pisa os governadores como o lodo, da mesma maneira que o oleiro amassa a argila (*Is* 41,25);
- as nações do mundo: para Deus elas são como uma gota d'água que cai de um balde, como um nada; seus habitantes são como gafanhotos (*Is* 40,15.17.22);
- a orgulhosa Babilônia opressora: ela pensava ser rainha suprema, mas vai ficar viúva e perderá todos seus filhos (*Is* 47,1-15);
- os ídolos: são menos que um nada, apenas sopro e ilusão (*Is* 41,24.29; 40,18-20; 41,6-7.21-29); seus adoradores têm mente enganada e já não percebem a mentira (*Is* 44,20). A análise crítica da realidade concentra-se, sobretudo na denúncia detalhada e irônica do culto aos ídolos. Eis como termina uma longa crítica, cheia de ironia, contra aqueles que fabricam ídolos: “Eles nada sabem nem entendem, porque os seus olhos são incapazes de ver e os seus corações não conseguem compreender. Nenhum deles tem conhecimento ou inteligência para

dizer: 'A metade [da madeira] queimei ao fogo e com ela assei pão sobre a brasa, assei carne e a comi; com o resto fiz uma coisa abominável e me prostrei diante de um pedaço de lenha!' Aquele que se apascenta de cinzas, o seu coração ludibriado o desencaminha: ele não consegue salvar sua vida nem é capaz de dizer: Aquilo que tenho na minha mão não será apenas uma mentira?" (*Is* 44,18-20).

d) *Encher o vazio do coração*

Para encher o vazio do coração os discípulos ajudam o povo a ler de maneira nova o mundo que os envolve e a perceber nele os sinais da presença de Javé.

- Os acontecimentos duros da história que tanto pesavam, é Javé que, através deles, realiza o seu plano (*Is* 55,8-11). O próprio exílio é visto como instrumento de educação do povo por parte de Javé (*Is* 54,7-8). Babilônia, a grande opressora, é vista como um meio, usado por Deus, para castigar o povo infiel: "Quem entregou Jacó ao saque e Israel aos despojadores? Não foi Javé, aquele contra quem pecamos, aquele em cujos caminhos não quisemos andar, nem demos ouvidos à sua Lei?" (*Is* 42,24). "(Babilônia,) eu estava irritado contra o meu povo, reduzi a minha herança à humilhação, entreguei-a nas tuas mãos, mas tu não usaste de compaixão para com ela: até sobre os velhos impuseste o duro peso do teu jugo" (*Is* 47,6).
- No mundo da política, Ciro, o rei da Pérsia, estava modificando a face da terra. Ele é apresentado como conduzido por Javé (*Is* 41,1-5; 45,1-7). "(Assim diz Javé, o teu Redentor): Digo ao oceano: "Seca-te, eu farei secar os teus rios", e digo a Ciro: 'Meu Pastor!' Ele cumprirá toda a minha vontade, dizendo a Jerusalém: 'Tu serás reconstruída!' e ao Templo: 'Tu serás restabelecido!'" (*Is* 44,27-28). "Assim diz Javé ao seu ungido, a Ciro que tomei pela destra, a fim de subjugar a ele nações e desarmar reis, a fim de abrir portas diante dele, a fim de que os portões não sejam fechados" (*Is* 45,1).
- É neste mesmo período do cativeiro que se começa a insistir na observância do sábado (*Is* 56,2.4; 58,13-14; 66,23; cf *Gen* 2,2-3), para que o povo tenha ao menos um dia por semana para se encontrar, partilhar sua fé, louvar a Deus e animar-se mutuamente. Para ajudar o povo a descobrir os sinais da pre-

sença de Deus, os discípulos fazem reunião de noite, fora de casa, e perguntam: “Levantem os olhos para o céu e observem: Quem criou tudo isso? É Aquele que organiza e põe em marcha o exército das estrelas, chamando cada uma pelo nome. Tão grande é o seu poder e tão firme a sua força, que nenhuma delas deixa de se apresentar. Jacó, por que você anda falando, e você, Israel, por que anda dizendo: ‘Javé desconhece o meu caminho e o meu Deus ignora a minha causa?’” (Is 40,26-27).

É nestas reuniões semanais que eles mandam refrescar a memória (Is 43,26; 46,9), contam as histórias de Noé, de Abraão e Sara, da Criação, lembram o êxodo (Is 43,16-17), apontam os fatos da política e perguntam: “Quem é que faz tudo isto?” (Is 41,2). A resposta é sempre a mesma: “É Javé, o Deus do povo, o nosso Deus!”.

Assim, aos poucos, a natureza deixa de ser o santuário dos falsos deuses; a história já não é mais decidida pelos opressores do povo; o mundo da política já não é mais o domínio de Nabucodonosor. Por trás de tudo começam a reaparecer os traços do rosto de Javé, o Deus do povo. A natureza, a história e a política deixam de ser estranhos e hostis ao povo e tornam-se aliados dos pobres na sua caminhada como Servo de Deus.

Mas mesmo presente no universo inteiro, a casa preferida de Deus é no meio do seu povo oprimido e exilado: “Eu estou contigo!” (Is 41,10). “Troco tudo por ti!” (Is 43,4) É lá que Ele deve ser procurado (Is 55,6), e é de lá que Ele quer irradiar sobre o mundo como “Luz dos Povos” (Is 42,6). Diante desta presença avassaladora de Deus no mundo, na vida, na história, na política, no próprio povo, os discípulos convocam o povo: “Cegos, olhem! Surdos, ouçam!” (Is 42,18). “Não estão vendo?” (Is 43,19). Esta é a Boa Nova que os discípulos anunciam ao povo: “Teu Deus reina!” (Is 52,7).

Deste modo, enchendo o vazio do coração (causa interna) e enfraquecendo o peso da opressão (causa externa), eles deslocam o peso da balança. O povo se equilibra de novo na vida. Agora, já não é a perseguição que enfraquece a fé, mas sim a fé renovada e esclarecida que enfraquece o poder dos poderosos. A face de Deus reaparece na vida. O povo, animado por esta Boa Notícia, desperta (Is 51,9.17; 52,1), se põe de pé (Is 60,1), começa a cantar (Is 42,10; 49,13; 54,1; 61,10; 63,7) e a resistir (Is 48,20).

e) *Apontar a Boa Nova de Deus na vida do povo*

A Boa Nova não é uma doutrina, nem uma moral ou uma disci-

plina. Anunciar a Boa Nova de Deus é apontar fatos concretos, pequenos ou grandes, onde a vitória do Reinado de Deus já está acontecendo, e apresentá-los de tal maneira que apareça para fora esta dimensão escondida da presença vitoriosa de Deus. Assim, nos capítulos 40 a 66, transparecem vários fatos, pequenos e grandes, que são apresentados pelos discípulos como Boa Nova do Reino de Deus, presente no meio deles:

- a alegria do povo de Jerusalém ao ouvir a boa notícia trazida por um mensageiro que anuncia a paz e a chegada do Reino de Deus (*Is 52,7-10*);
- o povo se organizando como um rebanho ao redor do pastor, e voltando para Jerusalém, guiado por esta fé renovada em Deus, (*Is 40,9-11*);
- a chegada de Ciro, que de repente começou a invadir e a vencer o poderio de Nabucodonosor, dando esperança aos povos oprimidos (*Is 41,25-27*);
- o povo que, como discípulo e aprendiz, começa a reagir, resistindo firme contra o opressor, apesar do sofrimento e das agressões (*Is 50,4-6*).
- o povo se dispondo para sair do cativeiro e, protegido por Deus, regressar para a terra, deixando para trás a impureza dos ídolos, repetindo o êxodo (*Is 52,11-12*);

Com outras palavras, a Boa Nova de Deus, o Evangelho tem estes quatro elementos, misturados entre si: (1) um fato da vida, onde Deus está presente, atuando, libertando o seu povo com poder e realizando o seu projeto de salvação; (2) uma palavra que tira o véu deste fato e nele revela a presença gratuita de Deus; (3) (...) uma atitude, um testemunho, uma prática que confirmam a veracidade desta Palavra; (4) todo o passado do povo o atesta e o ratifica. “Era isto que esperávamos há muito tempo!” A Boa Nova responde ao desejo mais profundo do coração! Por isso mesmo é Boa Notícia.

f) *Os traços do Rosto de Deus*

Um novo rosto de Deus começa a transparecer em todas as páginas de Isaías 40 a 66. São sobretudo quatro os traços que sobressaem: amor desinteressado, poder criador, presença fiel e santidade exigente. Os quatro traços respondem aos quatro anseios mais profundos do coração humano. Como as quatro cores básicas, eles se apresentam em infinitas modalidades.

Para sentir o gosto de um manjar delicioso não é necessário

comê-lo todo. Basta um pouquinho. Assim são os capítulos 40 a 66 do livro de Isaías. Todos têm o mesmo gosto, em todos transparecem os traços deste mesmo rosto divino. Eis alguns dos muitos textos, onde estes traços existem misturados: *Is* 40,12-31; 41,8-20; 44,24-28; 54,1-10.

Resumindo. Javé, o Deus que se fez presente na “casa” do povo do cativo, é

- um Deus amoroso: revela uma bondade infinita que promove e liberta;
Is 41,8-20; 54,1-10;
- um Deus forte: liberta com um poder criador que tem tudo nas mãos;
Is 40,12-31; 44,6-8;
- um Deus fiel: sua presença amiga nunca falhou e nunca falhará;
Is 44,21-28
- um Deus santo: pede justiça, exige fidelidade e envia à missão:
Is 43,22-28; 58,1 a 59,20.

O povo do cativo era como a noiva que, por culpa dos outros e por culpa própria, perdeu o noivo. A repentina ausência do Bem-Amado jogou a noiva no desespero. O objetivo da presença evangelizadora dos discípulos e das discípulas junto ao povo era ajudá-lo a reencontrar, nos fatos da vida, a presença amorosa, forte, fiel e exigente do Bem-Amado: “Teu Criador é teu marido!” (*Is* 54,5). Pois o rosto de Deus é a clarabóia da vida humana, a raiz da libertação e da ressurreição. Sem ele, tudo escurece! Deixar transparecer a luz deste rosto é o mesmo que revolucionar a vida.

5. Uma nova compreensão da própria Missão

Aos poucos, toda esta prática levou a uma clareza maior a respeito da própria missão. Os quatro cânticos do Servo de Javé, espalhados pelos capítulos 40 a 66 do livro de Isaías, falam desta missão (*Is* 42,1-9; 49,1-6; 50,4-9; 52,13-53,12). Na figura do Servo eles apresentam ao povo exilado um modelo de como devem entender e realizar a sua missão como Povo de Deus.

O contexto do livro de Isaías informa que o Servo de Javé não é um determinado indivíduo, mas sim o povo sofredor. Os capítulos 40 a 66 são como a moldura ao redor de um quadro. O quadro (dos cân-

ticos) não diz quem é o Servo, mas a moldura (do contexto) informa claramente que O Servo é o povo. Basta verificar os textos: *Is* 41,8-9; 42,18-20; 43,10; 44,1-2; 44,21; 45,4; 48,20; 54,17. Todos eles, de uma ou de outra maneira, falam do Servo como sendo o povo.

O Servo é o povo. Mas que povo? É o povo do cativo, descrito no quarto cântico como um povo oprimido, sofrido, desfigurado, sem aparência de gente e sem um mínimo de condição humana, povo explorado, maltratado e silenciado, sem graça nem beleza, cheio de sofrimento, evitado pelos outros como se fosse um leproso, condenado como um criminoso, sem julgamento nem defesa (*Is* 53,2-8). Retrato perfeito de uma terça parte da humanidade de hoje!

Os quatro cânticos são uma cartilha para ajudar os oprimidos, tanto de ontem como de hoje, a descobrir e a assumir a sua missão. Descrevem os quatro passos que o Servo deve percorrer para realizar a sua missão:

O primeiro cântico (*Is* 42,1-9) descreve como Deus escolhe o povo oprimido para ser o seu Servo. O segundo (*Is* 49,1-6) mostra como este povo ainda sem fé em si mesmo descobre a sua missão. O terceiro (*Is* 50,4-9) relata como o povo assume a sua missão e a executa apesar da perseguição. O quarto (*Is* 52,13 a 53,12) é uma profecia a respeito do futuro do Servo e da sua missão: ele vai ser morto, mas a sua morte será fonte de salvação para todos.

Eles sabem que a missão é difícil e penosa. Nem sempre ela é clara. Às vezes, parece que estão perdendo tempo (*Is* 49,4). Para poder ser fiel, o discípulo deve impor-se uma disciplina: toda manhã deve tirar um tempo para escutar a palavra que Deus lhe tem a dizer e que ele mesmo deve levar aos que estão desanimados (*Is* 50,4-5). Ele encontra muita oposição e para não desanimar deve procurar sua força em Deus (*Is* 50,7-9). Será perseguido, insultado, torturado e morto (*Is* 50,6; 53,3-8). A sua paixão e morte, porém, serão transformadas em Boa Nova para o povo e produzirão a conversão de muitos (*Is* 52, 13-15; 53,10-12).

No fim, um resumo dos quatro cânticos define a missão do Servo (*Is* 61,1-2). Foi o texto que Jesus escolheu para apresentar-se com a sua missão diante da comunidade na sinagoga de Nazaré (*Lc* 4,18). Jesus é o primeiro que percorreu os quatro passos até o fim. Por isso, ele se tornou a chave principal para entender todo o significado e alcance da missão do Servo, descrita no livro de Isaías.

CONCLUSÃO

Como vimos, havia três tendências ou reações frente ao desastre

do cativeiro:

- (1) O grupo da maioria que continuava a viver bem instalada na própria Babilônia, chegando a ocupar altos cargos na administração do império, como por exemplo Neemias e como transparece nos livros de Ester e Daniel.
- (2) O grupo da restauração que queria voltar ao ideal do passado e refazer o Templo e a Monarquia, inicialmente liderado por Zorobabel, príncipe da casa de Davi, Josué, sumo sacerdote, e alguns profetas como Ageu.
- (3) O grupo da renovação, liderado pelos discípulos e discípulas de Isaías, que olhou para além das próprias fronteiras e criou o projeto “Luz das Nações”.

Em 520, o grupo da restauração voltou em massa para a Palestina e reconstruiu o Templo e o culto, mas não foi capaz de restaurar a cidade. Sem autonomia política, continuavam sendo um distrito subalterno da província da Samaria. Isto durou até que se costurou uma aliança entre o grupo da restauração e o grupo que vivia instalado na Babilônia. Esta aliança encarnou-se nas iniciativas de Neemias (445) e de Esdras (392). Estes dois líderes, ligados aos interesses do império persa, queriam Jerusalém como cidade símbolo ou capital simbólica de todos os judeus dispersos pelo império persa.

O projeto “Luz das Nações”, criado, vivido e praticado pelos discípulos e discípulas de Isaías, brilhou no horizonte do povo como uma amostra do novo céu e da nova terra. Durante mais ou menos cem anos, eles tiveram a relativa liberdade para viver e divulgar este projeto. Atuavam simultaneamente com as outras tendências no meio do povo, desde a época do cativeiro (587 a 538) até 445 quando chegou Neemias como governador, representando o governo persa. A partir de 445, com a vinda de Neemias e a decisão do império persa de transformar Jerusalém em capital simbólica de todos os judeus, eles foram marginalizados e perderam sua influência. Sobretudo a partir de 392, com a volta de Esdras, eles perderam qualquer influência oficial. Em nome do rei da Pérsia, Esdras reconstrói o povo nos moldes rígidos da observância da Lei, da pureza da raça e da fidelidade ao culto no Templo. A ala conservadora da Grande Disciplina tomou a dianteira e tornou-se hegemônica. Agora são os sacerdotes e os escribas que assumem o controle da vida do povo e, através da criação das sinagogas, contribuíram para que o povo, ao longo dos séculos de 400 até o ano 01, não perdesse sua identidade.

Mesmo sem influência direta nas esferas do poder, ficou a luz a

brilhar no horizonte. O grupo da renovação sobrevive na resistência anônima do movimento popular. É uma resistência escondida que, de vez em quando, aparece na superfície:

- nos escritos sapienciais: Jó, Qohelet;
- nas novelas populares de Rute, Jonas, Judite, Ester, Tobias;
- na atuação e na atitude das mulheres: Rute, Ester, Judite, Cântico;
- no movimento apocalíptico.

O grupo da renovação reaparece na superfície na pessoa de Jesus. Em Jesus, este modelo do Servo retomou forma e vigor. Ele disse: “Eu não vim para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate de muitos” (*Mt 20,28*). Foi assim que o entenderam os primeiros cristãos. Jesus era visto por eles como o Servo de Deus (cf. *At 3,13.26; 4,27.30*). Ser servo ou serva de Deus era também o título com que eles mesmos se identificavam (*Rom 1,1*): “servos da justiça” (*Rom 6,18*), “servos de Deus” (*Rom 6,22*).

CARLOS MESTERS, O.CARM.

*Curia Generalizia,
Roma*